



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

**“Homem de verdade”: o processo de construção da masculinidade dos estudantes do ensino médio da cidade de Serrinha-BA do Território de Identidade do Sisal**

**Gabriel Ferreira<sup>1</sup>; João Santos<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PROBIC, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: contato.procciutto@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jdfsantos@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** juventude; masculinidade; educação.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho de Iniciação Científica buscou investigar como a juventude masculina da cidade de Serrinha (Bahia) constrói as representações da masculinidade do “homem de verdade” (Damatta, 1997), e seus papéis estabelecidos histórica e socialmente.

A análise do fenômeno da construção da masculinidade entre os jovens da cidade de Serrinha, do Território de Identidade do Sisal, requer a compreensão de três categorias analíticas que destacamos neste trabalho: masculinidade, juventude e territorialidade rural.

Compreendemos as três categorias acima mencionadas como heterogêneas e plurais, pois cada uma delas possui sujeitos pertencentes a “classes sociais e grupos ideológicos diferentes entre si” (Pais, 1990, p. 140), e é representada de diferentes maneiras, em diferentes culturas, por se tratar de um processo histórico. Dessa forma, o trabalho foi realizado sob a perspectiva das masculinidades e das juventudes, e a forma como elas interagem e retro-constroem suas vivências nas territorialidades rurais.

Historicamente, a vida adulta está associada a um conjunto de responsabilidades ocupacionais, conjugais e habitacionais; e a aderência dos jovens à essas responsabilidades lhes conferiria o estatuto de adultos (Pais, 1990), porém, as referências de trabalho, relacionamento e moradia são construídas e acumuladas de maneiras distintas por sujeitos de marcadores sociais distintos. Jovens negros da periferia de Salvador, na Bahia, terão perspectivas sobre a vida adulta diferentes dos jovens negros das classes elitizadas da mesma cidade. Ora, se no meio urbano isto parece evidente, as distâncias se alargam mais ainda quando se investiga o meio rural em contraponto.

A cidade de Serrinha pertence ao Território de Identidade do Sisal, identificado como rural e historicamente diferenciado pelo “predomínio do processo produtivo do sisal” (Santos e Silva, 2017, p. 02) como atividade econômica. A relação com a natureza, a dispersão populacional e a relativa dependência ao sistema urbano

configuram a região sisaleira dentro do conceito de “rural contemporâneo” de Ricardo Abramovay, como explicitado por Monteiro e Mujica (2022). As relações de convívio e trocas entre os sujeitos resultam em “práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família etc.” (Wanderley, 2000, p. 88 *apud* Monteiro e Mujica, 2022, p. 04). Estas representações particulares das culturas do campo criam discursos e significados próprios sobre as juventudes, que afetarão “seus processos de internalização de normas e de socialização” (Pais, 1990, p. 163) em “símbolos específicos [...] [de pertencimento], com rituais e eventos particulares, através dos quais a vida adquire sentido” (Ibidem, p. 164).

Sendo a juventude rural orientada pelo lugar de vida, evidenciado por um modo específico de construção e reprodução da vida social, ela deve ser compreendida como heterogênea e multifacetada (Paulo, 2010). O modelo de família, o gênero, a raça e as condições de classe dos jovens influenciam não apenas nas interações a que eles serão submetidos (Ibidem, p. 63), mas também as suas escolhas e maneiras de se expressarem no mundo, logo que a realidade material implica nas perspectivas de futuro dos sujeitos.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Orientados pelo modelo da pesquisa qualitativa biográfica, que tem como pressuposto o entendimento de que “as experiências são fontes de aprendizagem” (Reis, 2020, p. 296), para compreender os sentidos construídos pelos indivíduos (Ibidem, p. 296), a metodologia utilizada foi a entrevista semi-estruturada, por sua flexibilidade de interação com o participante. Acreditamos que o diálogo mais flexível com os participantes “deixa as pessoas mais livres para expressarem suas crenças, valores e significações acerca das suas experiências familiares e sociais” (Duarte, 2002, p. 146).

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O trabalho foi realizado com cinco estudantes de uma escola pública da cidade de Serrinha, e teve como mediador um integrante de seu corpo docente. Os entrevistados possuíam entre 18 e 20 anos de idade, e estavam matriculados na modalidade de ensino médio voltada para estudantes com distorção idade-série.

O primeiro contato com as turmas foi difícil, mesmo com o acompanhamento do docente-mediador, e o início das entrevistas foi demorado — os estudantes estavam receosos e pareciam envergonhados. O grupo de voluntários foi composto por estudantes diversos, mas infelizmente não conseguimos dar seguimento a entrevista de um estudante transgênero, pois ele não se sentiu confortável em ter sua voz gravada para os registros. Dessa forma, o grupo de participantes se compôs de estudantes masculinos cisgênero, de família e prática católicas, solteiros e com renda familiar entre um e três salários mínimos.

A fim de preservar a privacidade e a identidade dos participantes, escolhemos identificá-los a partir dos pseudônimos João, Pedro, André, Filipe e Tadeu. A referência bíblica não é gratuita. Além da declaração dos estudantes sobre sua religião ser a católica, e a entrada da escola em questão possuir duas tábuas de pedra divulgando “A Lei de Deus Segundo as Sagradas Escrituras”, percebemos nos discursos dos estudantes a presença dessa cultura.

O depoimento que chamou nossa atenção para a questão religiosa foi o de Filipe. Quando questionado se ele considera correto um homem se relacionar afetiva e sexualmente com outro homem:

Não acho correto. [...] Não tem um porquê certo, (...) acho que é criação, de criação a gente é ensinado que homem só deve se relacionar com mulher. [...] Creio que [a religião] talvez tenha um pouco [de relação]. (Filipe, 20 anos, pardo, hétero).

O que podemos inferir a partir desse excerto, é que os jovens entrevistados baseiam seus modelos de família numa perspectiva tradicional e conservadora, orientados sob o dogma religioso em que foram educados. A maneira como alguns deles definem “o que é ser homem” está atrelada ao acúmulo de responsabilidades socialmente atribuídas à vida adulta. O respeito às pessoas e o bom convívio aparecem nos depoimentos, mas é no núcleo familiar que os estudantes parecem fundamentar suas compreensões sobre a expressão da masculinidade.

[Ser homem] é cumprir direitos e deveres (...) de homem. (...) Ser um bom pai, ser um bom esposo, ser bom em tudo que faz no trabalho, na vida. (Pedro, 18 anos, preto, hétero).

A parte mais de proteção, é quem faz a maior parte das coisas da casa, a parte de renda, na proteção da mulher, como eu falei. (Filipe, 20 anos, pardo, hétero).

Segundo Guacira Lopes Louro (2000, p. 06), a heteronormatividade inscreve nos corpos masculinos uma maneira de ser, agir, vestir, falar, através de “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos [etc.]”. O depoimento dos estudantes parece endossar a análise de Norma Fuller (2001 apud Ecco, 2008) sobre o patriarcado e a heteronormatividade, que afirma que, nessa cultura, “os homens não têm a opção de escolher (...) os papéis que [desempenharão] ao longo de suas vidas” (Fuller, apud Ecco, 2008, p. 95), induzidos a reproduzir os lugares da paternidade, sendo heterossexuais e provedores do lar (Ecco, 2008).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Os resultados obtidos com os depoimentos dos entrevistados nos levam a concluir que o processo de construção das masculinidades pelos estudantes de uma escola pública de Serrinha — BA está circunscrito num contexto tradicional conservador, em que a família e o trabalho são elementos significantes dos sujeitos masculinos.

O “homem de verdade” está, para eles, refletido nos genitores, e bastante relacionado com a ideia de independência financeira — que lhes permitiria adquirir as responsabilidades socialmente atreladas à idade adulta. A masculinidade plena aparece em seus discursos como fruto de uma potencial maturidade que a adolescência não pode oferecer. A religião também é um elemento formador importante, tanto para o modelo de comportamento, quanto de relacionamento e família.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, P. 2002. A dominação masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.  
BRASIL. 2013. Estatuto da Juventude. Lei nº12.852 de 5 de agosto de 2013.

CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P.M. 2018. De guri a cabara-macho: masculinidade no Brasil. In: Organização: Editora Lamparina. Rio de Janeiro.

CALDAS, D. (Org.). 1997. Homens. São Paulo: Editora SENAC. pp. 51-92.

CARA, D.; GAUTO, M. 2009. Juventude: percepções e exposição à violência. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

CECCHETTO, F.R. 2004. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: FGV Editora.

CONNELL, R. 1995. Masculinities. Berkeley: University of California Press.

CONNELL, R.W.; MESSERSCHIDT, J.W. 2013. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 242-282, jan./abr.

CUNHA, T.R. 2007. O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Edições UESB.

DAMATTA, R. 2000. Tem Pente Ai? Reflexões sobre a Identidade Masculina. In: GROppo, L.A. (Org.). Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventude Modernas. Rio de Janeiro: DEFEL.

DUARTE, R. 2002. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In: Cadernos de Pesquisa, [s.l.], n. 115, p. 139-154.

ECCO, C. 2008. A Função da Religião na Construção Social da Masculinidade. In: Revista da Abordagem Gestáltica, XIV(1): 93-97, jan.-jun.

IBGE. 2023. Panorama Serrinha. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/serrinha/panorama>. Acesso em: 09 maio.

INEP. 2023. Catálogo de Escolas. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/catalogo-de-escolas>. Acesso em: 04 maio.

LOURO, G.L. (Org.). 2000. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

MISKOLCI, R. 2009. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 150-182.

MONTEIRO, R.; MUJICA, F.P. 2022. A identidade sociocultural do jovem agricultor na vitivinicultura familiar e sua relação com a sucessão rural. In: Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 60(spe), e235637. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.235637>.

PAIS, J.M. 1990. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. In: Análise Social, [s.l.], v. XXV (105-106), p. 139-165.

PICAZIO, C. 2010. Uma outra verdade: perguntas e respostas para pais e educadores sobre homossexualidade na adolescência. São Paulo: Editora GLS.

PENTEADO, F.M.; GATTI, J. 2011. Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

REIS, R. 2020. Pesquisa biográfica e heterobiografização: Fonte de aprendizagens para o/a pesquisador/a. In: Revista Portuguesa de Educação, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 295–309.

SANTOS, E.M.C.; SILVA, O.A. da. 2017. Sisal na Bahia – Brasil. In: Mercator, Fortaleza, v. 16, e16029. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16029>.

SCOTT, J. 1995. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez.

SILVA, J.C.P. et al. 2021. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. In: Ciência & Saúde Coletiva, [s.l.], v. 26, n. 7, p. 2643-2652.